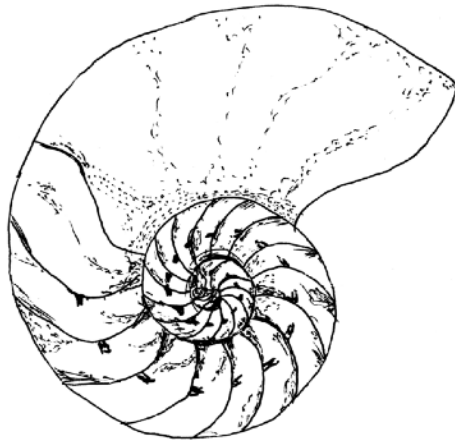


CARTAS



TALES NUNES

TALES NUNES

CARTAS

1ª EDIÇÃO



Vida de Yoga

FLORIANÓPOLIS

2025

1ª edição

Copyright © Tales Nunes 2024

Ilustrações | Samira Andery

Revisão técnica | Jéssica Trombini

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.



Vida de Yoga

www.vidadeyoga.com.br

para você

Desde que uma imagem poética se renova,
mesmo em um só de seus traços,
manifesta uma ingenuidade primordial.

(Gaston Bachelard)

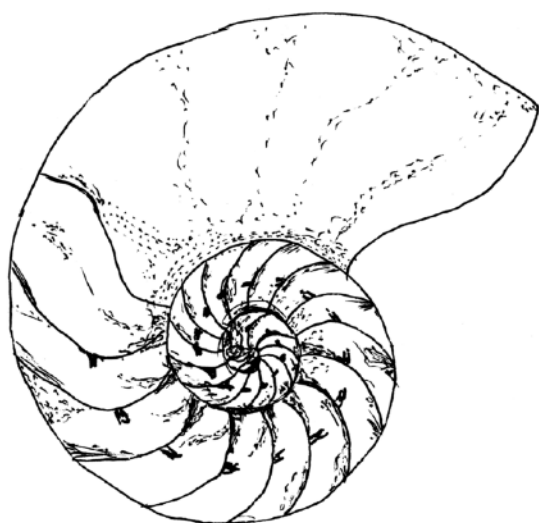
A beleza está à espreita por toda a parte.

(Jorge Luiz Borges)

Cartas

Eu gostaria de te escrever uma carta	13
Abaixo da linha das convenções.....	15
Silêncio, sopro e palavras sagradas.....	17
Onde está a sua beleza?.....	19
O ninho.....	20
Viver a partir do coração é uma arte que começa na pele	21
Inícios sem fim.....	23
O que nos excede.....	25
Uma educação para o Sol.....	26
Abandone os espaços fechados.....	27
As crianças devem saber.....	29
Sobre as nossas raízes.....	31
O orgulho da liberdade.....	35
Entre os olhos.....	37
A verdadeira coragem.....	39
Medo de crescer.....	41
Nosso direito inalienável.....	43
A coragem que precisamos.....	45
A liberdade que não me deixa escolha.....	47
A arte amplia mundos.....	51
A ancestralidade é uma constelação.....	53
A criança nos avós.....	55
Envelhecer pode ser difícil, mas pode ser bonito.....	58
Não nos ensinam a viver.....	59
Amor louco.....	61
Todos vamos morrer.....	63
Despertar para a beleza.....	64
Luminosa é a Vida.....	65
Escute o seu coração.....	67
Vagarosa e intensa, que assim seja a vida.....	68
Um tempo possível.....	70
Do amor à Terra, nomadismo é permanência.....	75
Fazemos voltas, voltas longas, para chegar onde estamos.....	77
Não compramos coisas.....	79

Sobre a simplicidade.....	81
De onde nasce a escrita.....	83
O inconsciente oceânico.....	85
O prazer move a literatura.....	87
Mais do que química, relacionamento é alquimia.....	89
Sexualidade sagrada.....	95
Transcender o ego na vida.....	99
A camada mais profunda do inconsciente é amor.....	101
A grande dissolução.....	103
A força poética e o florescimento.....	106
Façamo-nos canto.....	109
Uma intimidade aberta.....	111
O fino equilíbrio.....	112
A dança como existência.....	115
Uma correspondência encantadora.....	117
O destino te acompanha.....	119
A medida fiel do viver.....	120
Um choro inesperado.....	121
Uma orgia.....	123
Uma parte e a totalidade do amor.....	125



Eu gostaria de te escrever uma carta

Eu gostaria de te escrever uma carta que contivesse toda beleza do mundo, porque sinto que toda a beleza possível está em você. Não sei se crê nisso, mas não é preciso, saiba, sinta. Feche os olhos, há muitas distrações ao redor. Entre em seu peito e ali permaneça por algum tempo, mesmo que esteja ferida. Há muitas razões para se sentir assim, mas nenhuma delas é a verdade. A verdade ainda está além da dor. Não negue a dor, mas não se prenda a ela. Atravesse-a. Há uma flor bem no coração do medo. A flor da vida, um perfume que se sente através de todos os sentidos. Eu escrevo essa carta com esse perfume contido em cada palavra, algo inapreensível e penetrante, para você sentir com os olhos fechados. Então abra os olhos e saia do peito. Há muitas distrações ao redor, mas quando você tem em seus olhos a lembrança de onde veio e onde está, não há razão para o medo. Você pode confiar na vida, o presente é suficientemente grande e mágico para isso. Somos todos crianças brincando de ser adultos e levamos essa brincadeira a sério demais, tentamos controlar tudo. Podemos ser adultos, maduros, mas brincalhões. A maior maturidade é a que brinca. A vida é essa brincadeira criativa, o amor é essa brincadeira. Que o seu coração nunca se perca da brincadeira, que ele seja ela. Eu gostaria de te escrever uma carta que contivesse toda beleza do mundo e um sorriso, porque sinto que toda a beleza possível está em você quando sorri.



Abaixo da linha das convenções

Eu gosto de trocar palavras nascidas abaixo da linha das convenções. Imbuídas dessa intimidade, elas nos abrem para sentidos singelos. Hoje sonhei com o silêncio e nele estava você, um lírio púrpura, florescido da incandescência de uma timidez. Sua semente é a quietude e tudo o que o olhar delicado revela.

Silêncio, sopro e palavras sagradas

Histórias estão destinadas a morrer, porque nascem e fazem nascer. O corpo conta e é contato. Há muitos sonhos que não serão realizados e tantos outros que se realizam na leveza. Vamos. A matéria é substância etérea. Somos um sopro. Filhos do efêmero. Onde tudo termina, há inícios. O sopro que me faz, me leva. Não sei o meu destino. Não sou preciso. Não me ofereça números, eu sou silêncio, sopro e palavras sagradas. Enquanto sinto e vejo, eu toco. Esse é o dom.



Onde está a sua beleza?

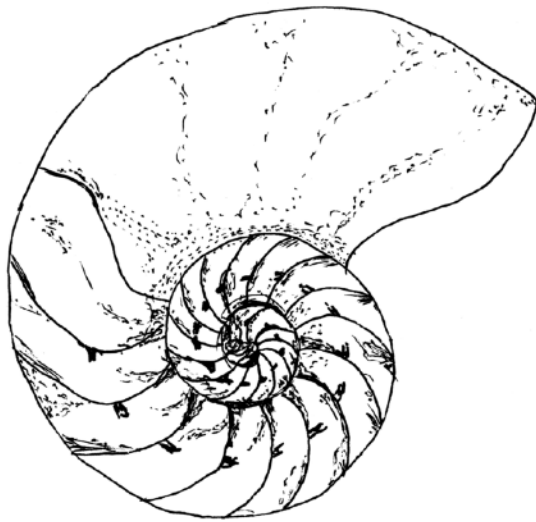
Não acredito em palavras que não têm a juventude e a ancestralidade da verdade. Não acredito quando você me diz que não sente onde nasce o sopro que contém a semente. Por que haveria de crer em palavras que diminuem a existência? A palavra nasce onde nasce a vida. O meu orgulho é ser dono de verdade alguma. Me mostre qual é a sua beleza e seremos amigos.

O ninho

O ninho é o lugar onde o acolhimento torna o amor uma possibilidade de vida. O ninho é fundamento. O ninho é o tempo de metamorfose das asas. O ninho é casa e abertura. Chão e céu. O ninho é o que levamos do ninho. O ninho é a Terra e todos os corações que ela gesta.

**Viver a partir do coração é uma arte que começa
na pele**

A angústia do desamparo dói nos ossos, no fundo dos ossos, rompe-nos por dentro com a fúria de enxergar o mundo partido. Não se perca da pele. O caminho para a profundidade está nela. O caminho para a sensibilidade está no que nos envolve abaixo dela. O toque é o meio e o fim, destino esperado. Estamos sempre imersos em algo, o ar nos envolve e nos respira. Eu mergulho no mar para me sentir abraçado pela Terra. Ela canta num embalo que me acalma. Volto a ser filho, volto a ser parte, volto a ser poeta, volto a ser quem sou, corpo, origem, toda a história em presença.



Inícios sem fim

Todo tempo é um fim. Estamos sempre no fim, por isso, todo tempo é também um início. Os pés caminham no limite entre o conhecido e o desconhecido. Atrás de você, todos os passos, adiante, o vasto. Viver é flertar com a imensidão. Abismar-se é condição para caminhar encantado. A firmeza é uma prece recitada na incerteza.

O que nos excede

Você é suficiente, porque a vida é suficiente. Isso não quer dizer que não buscará algo além. A vida em si é esse além, o seu desvendar nunca cessa. Não há falta a ser preenchida. O coração é abertura e pulso. Sei que você sente esse pulso e a abertura do encontro. A carência é um lugar de carinho e de afago. A falta de amor tem origem no amor. Eis a única realidade da qual não conseguimos fugir. Achamos que a vida é o esforço para conquistar algo que não temos, para nos tornar algo que não somos e, no caminho, a tensão do esforço reduz o que somos à falta. A tensão se acumula, o corpo dói, o corpo se fixa na dor, o corpo adormece na busca. Os músculos esquecem que o sustento é equilíbrio, força e prazer. As mãos são doadoras naturais de vida. Pegar é um caminho para aprender a oferecer e sentir. O prazer é natural. O prazer do excesso de si. O prazer do excesso de vida.

Uma educação para o Sol

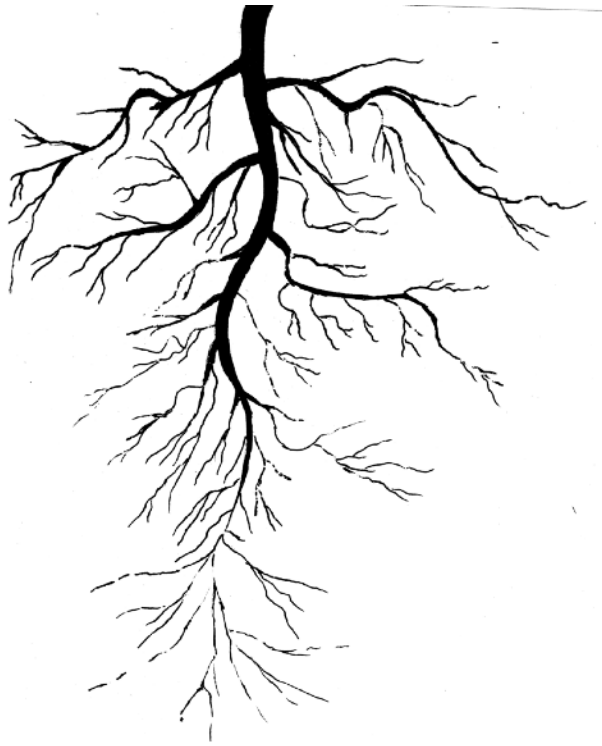
Uma educação para o Sol, isso deveríamos ensinar. A força de sentir a sua presença no próprio corpo, na alma e, dentro da própria dignidade, ver-se conectado a tudo ao redor. Um caminho de dignidade, de uma grandeza livre e cuidadosa para se viver não em oposição ao mundo, mas em integração, em composição. Sem a descoberta dessa força solar, não há solidariedade. Sem a descoberta dessa força solar, há comparação e inferiorização. A dignidade solar permite saber-se luminoso, sem ofuscar o outro. Permite elevação, sem a inferiorização de nada ao redor, livre da necessidade de exaltação. A medida é a própria força, que essencialmente está em tudo como um fluxo generoso de vida a fluir em toda a existência.

Abandone os espaços fechados

Decidimos viver em casas, por isso acreditamos nas paredes como limites. Abandone o espaço fechado. O desconhecido é um convite. Habitamos o lugar onde os pés sentem familiaridade com a Terra. Acima e abaixo, o espaço tem a força de nos tirar da vertigem. O tédio replica o futuro preso ao hábito. O presente é muito maior. O desejo incita a matéria a dançar. A noite é imensa, a lua é mágica. O esquecimento rouba a vida. O canto é a festa natural do corpo.

As crianças devem saber

Por favor, não ensine as crianças a se enquadrarem nessa realidade social. Não as faça acreditar que tal forma de viver é a única possível. Mostre a elas que o ser humano pode mais. "Mais", não no sentido de competição. "Mais", não no sentido de conquista material. Ensine as crianças a lidarem objetivamente com o dinheiro, a serem práticas com a matéria, mas não tire delas a percepção da magia. A matéria é viva e elas sabem disso. A vida é animada. As palavras, as histórias, os sonhos são forças que nascem da magnitude das coisas mesmas. De uma folha, de um pássaro, de uma pedra, de uma nuvem. A mente madura é a mente que entende o funcionamento da realidade social, mas sabe que é mais do que ela, porque não se perdeu do sublime, do encanto, da força infinitamente criativa, por isso conversa com deus em todas as coisas. Deus não é o pai, Deus é a vida. A partir desse olhar, a realidade social deixa de ser a identidade final, algo que se acredita ser totalmente e se torna movimento com o qual se pode jogar. O jogo é a brincadeira de ser e não ser. A mente madura sabe que a imaginação não é fuga da realidade, mas uma possibilidade de enriquecê-la. Ensine as crianças a caminharem descalças, aprenda com elas a caminhar descalço, escutando histórias de outros lugares e o silêncio que fundamenta o amor. As texturas da terra ensinam as possibilidades do céu.



Sobre as nossas raízes

A terra onde nascemos é sempre uma referência, mesmo que em lembranças. É onde ensaiamos a nossa firmeza. Por mais que nossas raízes estejam plantadas em outros solos, aquela sempre será a terra onde nos fixamos primeiro, onde aprendemos a crescer, onde recebemos acolhimento para futuramente oferecermo-nos como refúgio.

Para isso, a natureza é sábia, nos faz nascer no ramo que melhor irá nos nutrir para que possamos exercer toda a nossa força nessa vida. Um dia estava no jardim de “minha casa”, que não era mais minha, mas será sempre um pouco de mim e muito em mim, e conversava sobre o que havia mudado ali. Foi quando escutei de meu pai: “Está vendo aquela planta? Ela estava no vaso, não crescia, não importava o que fizesse. Tirei-a do vaso e plantei na terra, olha o tamanho, a vida e a força que está. É a mesma coisa com as pessoas. Se as prendemos, elas não crescem.”

Naquele exato momento, as palavras, a voz e presença que para mim sempre foram referência de amor, me mostraram as raízes sobre as quais me fiz crescer. A fala continha um tanto de acolhimento e liberdade, de amparo e impulso.

Hoje não estou mais na terra onde nasci, não mais à sombra onde primeiro cresci, mas carrego eternamente comigo todo o aprendizado que delas tirei, como raízes

sobre as quais permito-me ser livre para crescer. Se hoje posso plantar, se hoje sei o que é o amor, é pelo que aprendi e continuo a aprender, longe e à sua presença.

O amor é essa raiz que nos mantém sempre ligados, nos dando alimento para crescer e desenvolver toda a nossa força. Nos une sempre, para além do tempo e do espaço, pois nela nunca nos separamos.

Tenho essas e muitas outras palavras guardadas no coração, tantas que já floresceram, outras que sequer sei quando serei solo para que se tornem flores.



O orgulho da liberdade

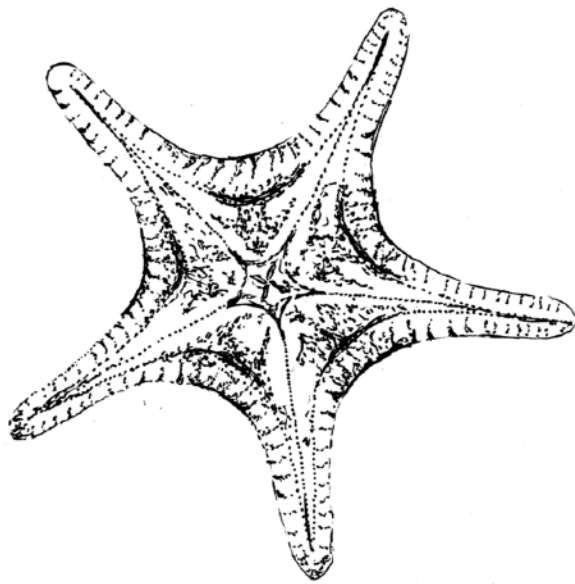
O que você está buscando, meu amigo, minha amiga, é genuíno. A liberdade é a jornada mais bonita e valiosa da vida. Mas você nunca irá encontrá-la se não deixar de seguir os passos trilhados pelos seus pais. Você nunca irá senti-la se não fizer, em seu coração, as pazes com seus pais. Não importa o que eles tenham feito. Você não precisa ser melhor amigo, melhor amiga, mas essa ferida precisa ser curada. Caso contrário, sua busca será apenas uma constante e desconfortável fuga. Os pais e mães, por sua vez, não precisam ter medo de perder os filhos. Não precisam dos subterfúgios emocionais para aprisioná-los em sua pretensa segurança. Se fizerem o que precisa ser feito, amorosamente, quando inevitavelmente “perderem” seus filhos para a liberdade, ganharão um amigo, uma amiga de quem se sentirão eternamente orgulhosos.

Entre os olhos

No silêncio em seus olhos tentei desvendar se é o tanto de mim que eu vejo em você. No silêncio em meus olhos tentei desvendar se é o tanto de você que há em mim. Herdei a forma dos seus olhos, há algo, contudo, que acontece além, no espaço que se abre entre as palavras, entre as formas que se veem. Esse lugar “entre” sou eu, é você. Esse lugar “entre”, não sou, nem você. Um amor que não cabe em sentenças, que atravessa a forma, o amor entre mãe e filho, entre mim e você.

A verdadeira coragem

Liberdade é a nossa possibilidade de estabelecer laços. A vida se apoia em rede, em trama. As mãos em riste parecem heroicas, mas as mãos que se dão suportam a dor com mais leveza e não menos coragem. Nas folhas, os veios são trama. Nos ramos, as folhas são trama. Na mata, as árvores são trama. Tudo é trama, tudo é elo. Rompemos os elos quando não vemos a dança, a interdependência. A dor dói mais no coração que se enrijece no isolamento. Uma parte de mim se reconhece no Todo. Uma parte de mim se identifica com partes. Uma parte de mim não se resume a forma qualquer existente, apenas um silêncio. Um silêncio ancestral no qual tudo cabe, onde eu mesmo caibo com todas as falhas, como todos os medos e anseios. Tudo em mim é comum e próprio. Não vivo só para mim, isso seria a morte. Vivo para que algo em mim se revele em plena beleza. Vivo para admirar essa mesma beleza nascendo no mundo. Isso me excita profundamente. Nesse equilíbrio que não sei bem qual é, apenas sinto, eu vivo, eu me encanto, eu crio.



Medo de crescer

Em minha transição da adolescência para a vida adulta, lembro de sentir uma tristeza profunda misturada com certo medo. Eu achava que era medo de crescer, de entrar no mundo dos adultos. Hoje sei que não. O mundo adulto é incrível. A questão é que o que dizem ser crescimento é um equívoco. O que dizem ser crescimento é se moldar às exigências sociais.

Não nos avisam que se adequar a uma sociedade doente pode nos quebrar ao meio, nos fragmentar em pequenos pedaços até sobrar apenas uma lembrança de um tempo em que fomos inteiros. Há muita gente partida e perdida por sequer saber o que a estilhaçou.

Tornar-se adulto não é se adequar. Tornar-se adulto é manter a integridade da criança, somada à maturidade das experiências, é preservar o questionamento e a abertura na mente e a vida fértil no coração. Tornar-se adulto é não se render à moral, sobretudo quando ela é totalmente contrária à ética. Tornar-se adulto é ser mais do que uma família apenas, é permanecer sendo uma família com a vida, com os animais, com as plantas. Eu entendi muito mais tarde que era isso que não queria abrir mão.

Minha tristeza volta quando vejo a guerra, a fome, a injustiça de um lado, e do outro, a apatia, o conformismo, o fingimento e a ganância. Minha tristeza volta quando vejo pessoas presas a uma vida que nunca escolheram e pensam que o mundo não pode ser diferente. Mas agora o meu medo é menor e a paranoia coletiva não me paralisa, porque sei onde cheguei. Tenho a poesia como companhia e o meio de chegar até você para dizer: “Não se adeque a uma sociedade doente. Essa será a sua saúde”.

Nosso direito inalienável

Querem nos fazer crer que o amor é supérfluo. O sonho, o delírio, a lucidez amorosa são direitos inalienáveis. Nunca abra mão da possibilidade de retornar ao simples, sentada em meditação, deitada sobre a Terra, caminhando na natureza, ou mergulhada no corpo e nos olhos de quem ama.

Apartada do amor, nada de grandioso jamais foi feito no mundo. Querem nos fazer crer que o amor é supérfluo porque é o amor que realmente ameaça todo um sistema. O amor implode o sistema pela raiz.

O delírio amoroso, o sonho amoroso, a lucidez amorosa nos fazem sábios no entendimento de que não precisamos de muito para viver intensamente.

O delírio amoroso, o sonho amoroso, a lucidez amorosa nos fazem sábios no entendimento de que não precisamos construir a vida fundada na competição e no ódio.

A batalha mais desafiadora, justa e nobre é aquela que travo com os demônios em meu coração. Me alio a eles, me torno maior do que toda força em mim que tende à opressão.

Em meu delírio amoroso, a Terra é fértil de alimento e de sonhos. Em meu delírio amoroso, não estou preso ao ódio e vejo homens e mulheres livres para criar os seus sonhos de erotismo, de toque, de criatividade, de amor em genuína revolução.

A coragem que precisamos

A coragem que ainda cultuamos é predatória, é força bruta, é agressividade e é associada ao domínio do outro e da natureza. A coragem que o mundo pede hoje é sensibilidade, uma delicadeza ativa, abertura para o contato transformador e genuíno com o outro, apesar do medo de se ver ou de se perder nele. Essa é a coragem do reconhecimento e da aceitação de si mesmo. Essa é a coragem do amor.

A liberdade que não me deixa escolha

A Natureza é sedutora e misteriosa, um constante encontro e comunhão de poderes, de forças que se entrelaçam criando formas. O amor é essa fonte tão misteriosa quanto evidente que nos move a sucessivas comunhões, nascimentos e partidas. A evidência do amor é o encontro e a relação entre as forças. O seu mistério é ser uno e ao mesmo tempo ser tantas formas.

A essência de cada força que se manifesta no Universo é gerar um novo movimento, novas formas, novos florescimentos. Cada pessoa é um encontro de potências expressivas. Você revela o florescimento cósmico em um corpo. A vida no corpo, como no cosmo, é um contínuo nascimento causado por uma relação de forças.

Cada estação é uma expressão especial e tem a capacidade de nos mostrar poderes latentes em nós e no todo. A primavera revela belezas que evidenciam, em cores e formas, todo o potencial criativo da natureza. O desabrochar de uma flor é de uma sensualidade tão pura, de uma sensibilidade tão poderosa, de uma espiritualidade e mística tão evidentes, que nada além da nudez do encontro é necessário para reconhecer que deus é o amor brincando com as formas.

É difícil expressar o que me invade em ondulações, movimentos oceânicos vindos de direções que sequer sei. Profundidades que chegam por todos os lados e me levam a um centro. Ou, de um centro, me conduzem em todas as direções.

Ainda assim, tento criar fluxos com as palavras. Algo que exprima essa vastidão. Se é por amor, não sei. Posso dizer que é por mim e talvez por você. Sei que guarda essas mesmas grandezas. Elas te levam para lugares fora da razão limitada que fala apenas de números e convenções sociais. Se de alguma maneira esse meu sopro chega em seu peito e encontra velas içadas, navegamos juntos. Se isso é amor, então, escrevo por amor.

Aos que estão presos nos nomes, nas formas, nas normas, e usam as palavras para impedir que se navegue, esses se perderam do sopro original. Não enxergam o tempo em movimento amoroso, não sentem mais a poesia em seus corpos regidos pelo medo, rígidos demais para deslizar no tecido das águas.

Eu escrevo a partir de uma liberdade que não me deixa escolha, porque não consigo evitar sentir a vida infinita. Em minha pequenez, sopro palavras para que seu coração não se sinta sozinho nessa imensidão, não se veja sozinho nessa solidão em que navega.

A arte amplia mundos

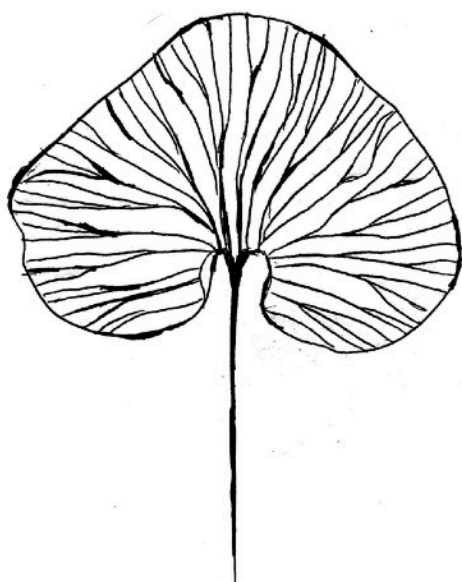
Eu tive a sorte da escolha de nascer irmão de mulheres que vieram mostrar ao mundo quanto o mundo é grande, tão grande quanto uma delicadeza. Cada uma em sua arte.

A magia de ser outros e dissuadir a sentir a partir dessa forma de ser.

A magia de criar formas, nascidas espontaneamente da fonte criativa do inconsciente.

A magia de ler o que os sonhos insinuam e escutar intuições melódicas.

A arte amplia mundos e eu sou constantemente ampliado por elas.



A ancestralidade é uma constelação

Quando estou no seio da família e nela reconheço de onde vim e o vigor do lugar onde estou, sinto a minha ancestralidade viva. Mas a ancestralidade é mais ampla e mais profunda do que o núcleo de uma família. A família nuclear é um veículo para que eu reconheça uma ancestralidade mais vasta, muito mais vasta no tempo e no espaço.

Quando leio um livro e consigo sentir a força das palavras e das ideias vibrarem em meu corpo, estou em contato profundo com o autor. Naquele momento, não apenas ele, mas a linguagem, e todos os que estão inseridos e deixaram uma marca nela, fazem parte da minha ancestralidade.

Quando me alimento, a comida que a Terra me oferece, a própria Terra e aqueles que a cultivaram fazem parte da minha ancestralidade.

Quando mergulho no mar e posso sentir a força das águas em meu corpo, reconheço a minha ancestralidade no oceano inteiro.

Quando respiro profundo e o ar nutre a minha alma, minha ancestralidade também é etérea.

Quando olho uma estrela e sinto de alguma maneira que ela me faz companhia, lembro-me de onde vim.

Quando fecho os olhos e vejo em meu coração o Universo inteiro, quando num vislumbre de lucidez olho ao meu redor e consigo reverenciar o amor em cada manifestação da Vida, quando num lampejo de graça reconheço todos os seres como uma família, nesse momento eu verdadeiramente entendi a realidade profunda da minha ancestralidade.

A criança nos avós

O segredo que quero lhe contar é simples. O tempo nos sussurra, quando a ele oferecemos nosso silêncio.

Envelhecer não é o limite, é a oportunidade. No fluxo da vida, não permanecemos crianças, mas a criança permanece em nós. Com o tempo, a vida ganha uma complexidade que facilmente nos toma e pode nos desviar do fundamental. À medida que envelhecemos, aumenta o chamado para redescobrirmos o básico, para escutarmos a criança que ficou esquecida em nós.

A criança demanda amor e depende dos pais. Ela é amor, mas não se sabe amor. O adulto tem a chance de descobrir-se amor e oferecer-se como cuidado. Estar no corpo e viver o tempo propõe um caminho de amadurecimento, e todo amadurecimento é a descoberta do essencial.

A criança é uma metáfora do essencial da vida. Uma simplicidade fundamental que, apesar de não seguir a lógica de envelhecimento do corpo, pois o transcende, se expressa através dele, como carinho, cuidado, limite, solidariedade, como amor.

Quando a avó ou o avô se deleitam com as brincadeiras de seus netos, é essa centelha de vida sempre límpida em si mesmos que veem, que sentem. Deleitam-se porque

não é a necessidade do amor, na forma de demanda que se manifesta, é a simplicidade amorosa que reconhecem.

Somos todos crianças, em nossa simplicidade amorosa básica. Somos todos avós e avôs, na maturidade de nos reconhecermos mais amplos do que a nossa demanda de amor e nos descobrirmos como a vastidão unitiva da vida, que é simples e eternamente bela em sua expressão.

Envelhecer pode ser difícil, mas pode ser bonito

A beleza permeia o fluxo da Natureza, ela também pode permear a nossa vida, quando aprendemos a fluir junto com ela. Essa riqueza, para estar presente em nossas vidas, precisa de um cultivo, tanto quanto a beleza física.

Muitas pessoas cultivam apenas a beleza física e a riqueza material durante toda a vida. Suas atitudes, decisões e buscas são guiadas por esse anseio. Num certo momento, porém, podem se sentir profundamente vazias.

A beleza física e a riqueza material nunca são sentidos profundos o suficiente para sustentar a vida. O conhecimento profundo inverte o olhar, curva os olhos em direção à origem. O cultivo muda. O cultivo se torna a sabedoria e a beleza do coração.

A riqueza da sabedoria é o alinhamento com o fluxo da beleza da vida. Um sentimento infinito que permeia a totalidade. A velhice é a chance de se tornar uma árvore frondosa, que viu muito, por isso pode ver longe, pode ver mais, pode ver com o coração. Dessa árvore, as pessoas se aproximam para colher frutos e se acolher na sombra.

Não nos ensinam a viver

É impossível antecipar a teoria às possibilidades de acontecimentos. A sabedoria não nos assegura uma vida livre de dor, mas nos oferece um chão, um lugar em si mesmo e no mundo. A sabedoria é um legado do tempo vivido e de algo misterioso que o aprofunda. Quando uma alma se dedica a encontrar e a refletir a beleza do Universo, sua história se soma à própria criação. Para mim, sabedoria é viver de acordo com a beleza dessa grande dança cósmica.

Não aprendemos ou aprenderemos a escutar e a dançar sozinhos. Diversas culturas sentiram essa harmonia e desenvolveram olhares e movimentos para nos ensinar a sentir também. Estamos numa cultura que nos estimula a competir, a lutar, a ganhar. Mas o que é ganhar? Perdemos muito tempo correndo atrás de ilusões. A mente cria objetos fictícios para conquistar, um após o outro, enquanto sequer paramos para conhecer a base da mente. Sem conhecer a base da mente não escutamos ou sentimos com profundidade, a vida simplesmente passa. Confundimos ruído e velocidade com intensidade. Existe uma serenidade inerente. Essa serenidade é a abertura para todas as intensidades incessantemente criadas pela força vital.

O coração, alienado de si, se mantém numa prisão autocriada, a clausura dos ruídos da própria mente. Quando o tempo nos coloca mais perto do fim, muitos se desesperam, porque percebem que investiram todo o tempo numa ilusão. A sabedoria é o ganho mais duradouro. É o único ganho que fica conosco e permanece além de nós. A sabedoria é o próprio reconhecimento de que somos o Universo inteiro. Quando percebemos isso, a nossa vida se amplia. A sabedoria do mundo se soma ao nosso viver, ao passo que o nosso tempo vivido se soma à sabedoria do mundo.

Desejo a você sabedoria.

Amor louco

Espero que você esteja no acolhimento de sua família, no amor de sua família. Seja de sangue ou de escolha. Mais do que isso, espero que você seja o amor da família, que você sinta. Apenas sinta. Tudo está nesse lugar a céu aberto que transcende o tempo. O amor louco é lúcido e puro. Puro quer dizer, livre de qualquer objeto. Eu espero que você possa tocá-lo hoje, esse amor louco. “Hoje” é cada dia que o corpo tem o coração como fundamento. Minha razão é devota dos sonhos que sopram intuições. Estou vivo quando escuto esses cantos, mesmo que estejam momentaneamente distantes das vozes que se repetem ao redor.



Todos vamos morrer

Todos vamos morrer. Que essa lembrança faça você se sentir mais viva. A vida é imensa e às vezes fazemos esforço desnecessário para reduzir sua força. São diversas as razões para isso acontecer. Há momentos em que fechamos os olhos para lembrar, noutros, abrimos os olhos para esquecer. Todos vamos morrer. Que essa lembrança faça você se sentir mais viva. Quando nosso olhar se volta para o que não há, nossa pele deixa de sentir. Eu falo isso para o seu íntimo. Olhe ao redor, perceba em você, há dor, faz parte da vida, mas a ferida não precisa ser exaltada. Não nos apegamos apenas às coisas boas, há apego ao que nos faz sofrer. Libertar-se de uma dor é também uma forma de morte. Nos despimos de uma parte de nós. Nessa nudez encontramos uma sensibilidade que se abre. O sensível é o aberto. Busque acolhimento nessa abertura. Olhe ao redor. O amor é o sentido mais amplo. Sempre. Sentir é a sabedoria do amor. Uma vez que sentimos o infinito no olhar de quem amamos, na intensidade do Sol, na imensidão do mar, sabemos que somos essa força. Todos vamos morrer. Que essa lembrança faça você se sentir a vida.

Despertar para a beleza

A beleza não é propriedade de um lugar, de uma forma ou de um corpo. Nada contém a beleza. Como diz Jorge Luiz Borges: "a beleza está à espreita por toda a parte".

Ela se mostra para o olhar delicado e arrebatado. Morre-se diante da beleza. Morre-se de abismo. Morre-se por ser levado, pela abertura infinita, a ser outra forma além do que se acredita ser.

A qualquer instante o encanto nos toca, o mistério nos envolve e o abissal se abre. A mandala perfeita de uma flor. O olhar selvagem tomado por ondas infinitas de eletricidade vital no amor.

E, se a beleza é uma forma de morrer e expandir, talvez a morte também seja uma maneira de a beleza se mostrar.

Luminosa é a vida

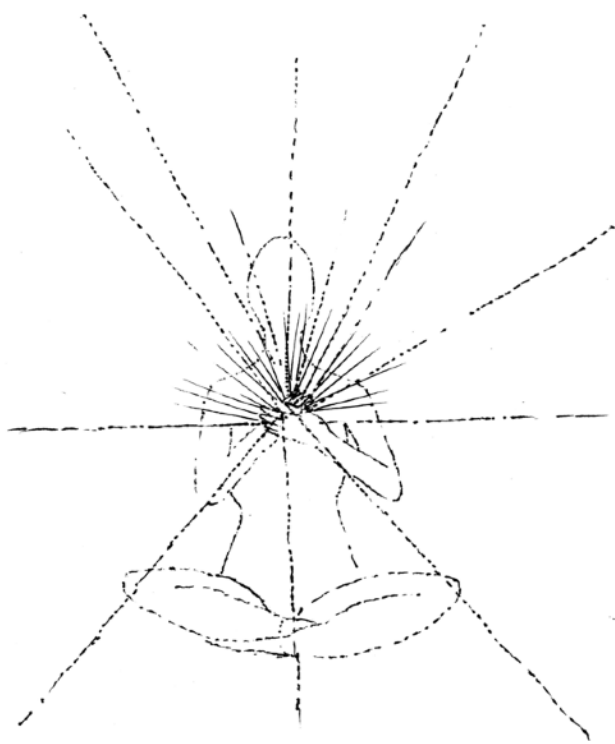
Estamos inteiros quando amamos. A Terra não quer nada mais de você além da reciprocidade. Se você fechar os olhos, que seja para aprofundar os sentidos, não para fugir. A vida pede o seu amor. A única forma de amar, de reconhecer o sagrado, é entregar-se às forças da Terra, tão profundamente até que sejam reconhecidas como forças da alma.

Há uma essência, um anseio de parto em cada momento. É a força da vida em seu peito, em seu ventre, à sua volta. Sei que ama a criação. Sei que sabe-se criador. Esteja presente no corpo, para que a alma possa sentir o aroma das horas.

Que o amor seja a origem e o destino em cada passo de sua dança, enquanto houver forças em seu corpo para criar. Quando a morte chegar, será flutuante. Que ela seja carinhosa e que seu coração esteja plácido ao ver adiante um horizonte sempre aberto.

Que a sua vida seja como um abraço da Terra, um encanto luminoso do fogo, um unguento das águas ou um sopro dos ventos conduzindo seu espírito a novas alturas.

Que você seja amplo o suficiente para, do alto do seu amor, enxergar a vida sempre luminosa.



Escute o seu coração

“Escute seu coração”. Muitas vezes, essa frase remete à ideia de uma oposição entre razão e emoção. Escutar o coração seria deixar a razão de lado e escutar a emoção. Para mim, sim, em parte é assim. Porém, não precisamos colocar a razão de um lado e a emoção do outro, como se fossem antagônicas. Vejo-as como complementares. A razão não é a verdade. A razão ajuda a navegar, nos dá referências. Nos ensina a entender, através de recortes, algumas causalidades da natureza. As emoções são texturas. Elas nos falam sobre o que está na profundidade, o sentimento. O sentimento é o movimento mais próximo do silêncio, por isso é o grande condutor para a verdade do coração. A verdade silenciosa da vacuidade. O silêncio ensina a fluir junto com os movimentos vitais, que se mostram no corpo, que se abrem na vida. Em algumas situações que o devir nos coloca, a razão pode indicar o caminho com mais clareza, noutras, é preciso escutar com carinho o que se sente.

Para mim, escutar o coração é fundar-se no silêncio para saber o que o instante pede.

Vagarosa e intensa, que assim seja a vida

A vida anda rápida, o corpo apressado, a mente inquieta. Falta-nos tempo para a apreciação. E se nos falta constantemente tempo, falta-nos vida. Andamos um pouco esquecidos. Não apenas do que somos, mas do que podemos fazer. Produzir se tornou a grande meta, e a velocidade, o ritmo dito como natural. Eu acredito na demora contemplativa, na lentidão criativa, na apreciação morosa.

Esquecemos que há outras maneiras de viver. Esquecemos que há outras formas de vida, outros tempos. O domínio humano é o risco humano. O egoísmo humano, a modernidade tem nos ensinado, não tem limites. Mas o amor humano também não. Acredito que não nascemos para ser menos do que podemos ser. Nós podemos muito, não em termos de consumo, acúmulo ou produção — isso já está evidente onde pode nos levar — mas no sentido do amor, de estar no corpo com calma, de tocar a alma um do outro.

Eu não quero menos do que o infinito. E o infinito está disponível na quietude do coração. Mas como escutar a quietude quando a mente não se desprende da ansiedade de pegar para si tudo o que vê. Eu acredito na beleza, na

forma e na não forma. A beleza, para mim, é o sentimento do infinito. Essa é a nossa casa, assim eu sinto. O sentimento da Terra é o sentimento do infinito. Dele nascem todas as possibilidades de vida e de troca.

Quando sentimos mesmo que um pouco dessa força, sua lembrança é um aroma que conduz a nossa ação. A ética sagrada, o respeito, nascem desse sentimento. A beleza é o que me inspira.

Um tempo possível

Em muitos momentos, saio para caminhar, apenas para caminhar. Caminho sem objetivo, sem rumo, sem pretensão de chegar, somente para contemplar. Ver a vida ao redor. O céu, o chão, os animais, as pessoas. Sentir os cheiros. Escutar as conversas, os sons dos pássaros, seguir um gavião com o olhar. Em outros momentos, caminho para chegar a um lugar onde tenho algo a fazer. Saio com um objetivo definido e um destino em mente.

Somos duas possibilidades cognitivas. Somos uma possibilidade aberta para o mundo. Somos direção para a ação. A ação contemplativa não visa um resultado imediato, a ação em si se basta. A ação utilitária busca o resultado, a eficácia, a eficiência.

Vivemos um conflito entre esses dois tempos. Um conflito em nós e no mundo. De um lado, o mais antigo mestre, como diz o Yoga Sutra, o tempo da contemplação, o tempo da profundidade inerente à vida. Do outro, o tempo da produção, da eficiência, do resultado e, facilmente, o tempo da superficialidade. Hoje, seu aliado principal é a sua própria cisão: o tempo digital. O tempo da produção é o tempo da pressa. Ela nos faz introjetar uma pressa mesmo quando não precisamos dela. Uma ansiedade recorrente. Um anseio de futuro que destitui a realidade imediata de sua intensidade vital. O tempo digital, por sua vez, é o tempo

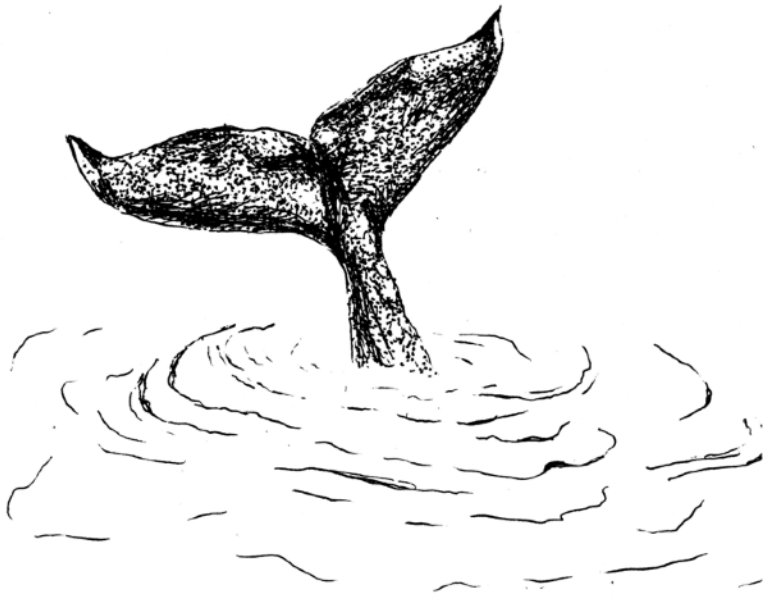
da vertigem, pois é ele mesmo a cisão do tempo. Não há tempo percorrido no digital, não há percurso. Tudo no mesmo lugar se torna nada. Ausência. Apenas excesso, distração e vertigem.

Quando caminho, vejo o reflexo desses tempos nas pessoas na rua. Vejo o reflexo desses tempos em mim. Não é incomum, em minhas caminhadas, eu encontrar com um amigo. Ele estudou Tai-chi diretamente com um mestre chinês taoista. O Tai-chi faz parte de sua vida. O seu mestre o ensinou a praticar Tai-chi em lugares onde predomina o tempo da produção, o tempo da aceleração, no coração de São Paulo. Ali está o desafio de, em meio ao convite para sair do próprio ritmo, permanecer nele. O ritmo vital é o ritmo da natureza. O ritmo em que a vida pulsa em nós. Ele nos conduz naturalmente a uma abertura sensorial mais ampla. Além de nos despertar para a percepção do infinito como uma abertura no tempo. Não precisamos correr para alcançar. Está aí, disponível.

Muitas pessoas, presas à própria pressa, não param para olhar o que esse amigo está fazendo. Alguns sequer veem. Outros olham. Ao olhar, olhar de verdade, dá para ver. Ele está nos mostrando, em frente a um café, numa rua movimentada: olha, aqui, nesse lugar, outro tempo é possível, o tempo da vida, o tempo em que o corpo segue o compasso natural, o tempo da graça. Esse amigo é uma lembrança viva fundamental, numa cidade em que vemos, nitidamente, em seu corpo, o conflito entre os tempos. O tempo da contemplação, do ócio natural, ser engolido

pouco a pouco pelo tempo da produção, da pressa e do lucro a qualquer custo. O tempo do colapso.

Que os movimentos graciosos do seu corpo continuem nos lembrando de olhar profundamente o que se sente, e sentir profundamente o que se vê.



Do amor à Terra, nomadismo é permanência

A Terra é o suporte do nascimento do corpo. O silêncio é o chão da Terra. Ela gira ao redor do Sol, dançarina, flutuando no espaço inconstante do silêncio original.

Caminhamos sobre ela, essa esfera brilhante. O corpo é casa que o ser habita, o ser é casa em que o corpo se dá à abertura. Eu não caminho em direção a um lugar, eu caminho no aberto. A clareira, que é céu e centelha em meu peito, é o sentido que me enraíza no chão. Estou aqui hoje, amanhã não sei o que se dará à vista. Desvendarei. Onde quer que meus pés toquem, neste lugar aprendo a amar e sinto... sinto o que nasce e o que passa.

Ser nômade, para mim, não é estar aqui hoje, amanhã estar em outra cidade e depois em outra. Ser nômade é descobrir essa abertura onde posso permanecer e sentir o que toco, onde estou. Experimento o nomadismo em meu corpo, nos movimentos que o perpassam, nas sensações que nascem numa caminhada e, ainda assim, não mudei de cidade, de casa ou de país. O nomadismo que vivencio no corpo ou caminhando na Terra não tem sentido de uma linha. Não tem a ânsia do desconhecimento ou o desejo de alcançar. O meu nomadismo tem a beleza da espera, é esfera e encontro. O caminhar sem o sentido de

espera nada toca. O caminhar sem a amplitude do silêncio nada encontra.

Eu te escuto correr, meu amigo, e te escuto chamar essa ânsia de nomadismo. Eu te sinto fugir, meu amigo, e te vejo chamar essa fuga de nomadismo.

O nômade ama o lugar que toca e cria um vínculo inexorável com o chão e com o céu aberto. Nômade é uma palavra sagrada, ela indica um devoto do ser e da Terra. O nomadismo é demora e reverência ao caminhar, ao sentir, ao encontrar.

Como ser reverência sem ser vínculo de cuidado com lugar algum? Como ser reverência sem ser abertura no corpo, sem ser corpo no chão? Como ser reverência sem ser silêncio? Como ser nômade sem ter os pés plantados no chão de algum lugar na Terra e no coração?

Você sente a chuva que cai, que escorre e se derrama no chão? Você sente o cheiro doce que brota da terra molhada? Você sente as nuances das cores sob o céu cinza repleto de nuvens carregadas de água do mar? Você escuta os pássaros se aninhando nas árvores que balançam movidas pelo vento que leva e traz?

Nomadismo é permanência no movimento para apreciar a beleza onde se está.

Fazemos voltas, voltas longas, para chegar onde estamos

O espelho não nos mostra, o mundo sim, a verdade muda das coisas banais. Há tanta poesia contida. Contida no peito, contida no azul. É tão triste e tão bonito. Qual será a verdade? Não sei. Prefiro assim. Sentir o que é verdadeiro. Estar aqui onde estou e não encontrar respostas, abri-las e permanecer nesse vazio, como quem se detém num abraço. Não sei. Prefiro assim. Não saber me faz leve, como as cores que flutuam no céu da manhã. As certezas pesam tanto, no lugar exato do corpo onde deveria ser leve. Prefiro-me assim, sabendo tanto de mim que nem sei.

Não compramos coisas

Não compramos coisas, nunca compramos coisas. São espaços que compramos. Espaços ao ar livre, espaços entre paredes, entre portas, espaços. As coisas em si não existem. As coisas são constituídas de vazio. Somos espaço à procura de espaço. Somos felicidade em busca da felicidade. O espaço que buscamos é a felicidade, o conforto, o acolhimento. Não queremos coisas, queremos a felicidade das coisas. Não há felicidade nas coisas, apenas movimento, puro movimento. A felicidade é uma imensidão, sem distância, sem lugar. É a plenitude que abraça a dinâmica da vida e a nós mesmos em momentos de silêncio, de ternura e de abrir mão de congelar o tempo e de reter as coisas. Os objetos enfeitam a vida, não a completam. Os objetos brincam com o coração, não o preenchem. Eles apenas passam, passam, passam nesse espaço imenso que é a plenitude de seu coração.



Sobre a simplicidade

Num mundo complexo, a simplicidade é luxo para poucos. Simplicidade é desprezar, é se desprender, é se desnudar constantemente para apreciar o que é. Não é se desnudar apenas de roupas, de trechos desnecessários que nos circundam, mas especialmente de ideais. São eles que nos apressam, são eles que nos oprimem. A principal ideia da modernidade é a fantasia de sempre mais. Viver intensamente na modernidade é viver com o coração palpitante, numa ansiedade constante de tudo. Um mais que é menos, menos tempo, menos comunicação real, menos contato e o risco de ser menos amor. A simplicidade de hoje não é andar de pés descalços, apenas, é descalçar-se de ideais impregnados. Esses não saem facilmente. É um processo de tirar camadas e mais camadas. É um parar e relaxar, e isso já é contra a corrente. É um parar e contemplar, e isso já é revolucionário. Pois ao redor nos pedem consumo, luta e produção. É ouvir o outro, a natureza, simplesmente, com ouvidos bem abertos. É voltar àquele ritmo de pele enrugada de Sol, àquele ritmo de pés sujos de terra, àquele ritmo de terra. Aquele ritmo em que a respiração se permite ser tranquila, os pensamentos serem profundos e a alma tem tempo para o céu, para as plantas, para os olhos, para a lua, para a arte, ou para o nada, para, simplesmente, a apreciação calma da vida.

De onde nasce a escrita

Às vezes me perguntam de onde vem a minha escrita. É uma pergunta extremamente difícil de responder. Primeiro, porque em momento algum sinto que a escrita é minha. Segundo, porque é impossível dizer de onde ela nasce. Quem diz, mente. Posso falar o que me põe a escrever. Uma entre as muitas forças que me colocam a escrever é a mistura de um senso de agradecimento com o sentido de honra. Débito com várias pessoas, incontáveis pessoas que, ao lembrar, me fazem querer honrar o que aprendi, honrar a vida deles em mim. De tudo o que aprendemos, algumas coisas são inesquecíveis. Umas estão em livros, outras na vida. Em minha memória, honro Cecília Meireles e tudo o que ela me fez sentir. Honro Fernando Pessoa, por todos que ele se permitiu ser. Honro D.H. Lawrence e a sensualidade presente em seus textos. Honro Holderling por quebrar dentro de mim a separação entre vida e poesia. Honro Tonho, Antonio Viana, por destruir o meu ego com sua mordacidade. Me dedicaria muito menos se não fosse isso. Honro Toni, por eu ver os versos brotarem com naturalidade de suas mãos negras. Ele me mostrou que era possível essa magia. Era um mago. Honro Zé Nunes, por horas que passei com ele a me contar as histórias da

tribo e me acordar para o valor da linguagem e do silêncio. Honro minha mãe que praticamente me alfabetizou e me mostrou a importância da leitura. Honro meu pai por ter disponível e me apresentar uma biblioteca ampla e variada. Eu escrevo por mim, eu escrevo por todas essas pessoas em mim e tantas outras que ainda não conheço. Me coloco a escrever, com o sentido profundo de agradecimento e como forma de honrar a vida dessas pessoas. Não espero que alcance o que eles foram ou continuam sendo, mas talvez o que escrevo represente um pouco do que eles são em mim. Para mim esse é o sentido de tradição. A escrita é um ofício solitário, povoado por incontáveis presenças.

O inconsciente oceânico

O que há no inconsciente são todos os seres que podemos ser, em sonhos ou em vidas. Nada é sono no inconsciente, tudo é sonho, até mesmo a vida.

O que há no inconsciente é o corpo de todas as plantas e suas inteligências que podemos absorver nesta vida ou ser noutras.

O que há no inconsciente é a força de todos os animais que conduzem nossas mentes e corpos a caminhos de ação, de mergulhos, de voos, de chão.

O que há no inconsciente é a dança dos elementos que riscam a mente e a realidade com cores e formas.

O que há no inconsciente são todos os conhecimentos ainda não desvendados, todas as escolhas possíveis e todos os devires temidos, ansiados ou ensaiados.

O que há essencialmente na profundidade, no meio e na superfície, como a água no oceano, neste lugar sem lugar, origem e destino de todas as formas, é amor.

O prazer move a literatura

O prazer move a literatura, nunca o intelecto. A razão apenas segue outro princípio, maior e mais profundo do que ela. Na escrita ou na leitura é o prazer que guia a literatura. Esses textos que se imprimem na folha em branco, esses textos que se movem vivos ao nosso redor. Se não lemos a vida à luz do prazer, perdemos o essencial. A força que temos de transmutar as dores, as tristezas, os diversos “nadas” que surgem, em pura vida. Isso é o amor que faz, através da força de Eros.

Mais do que química, relacionamento é alquimia

Quando há amor, o ou(t)ro é revelado em nós.

A química atrai os corpos. Secretamente pelo olfato, explicitamente pela delicadeza do toque ou pelo encaixe e entrelaçamento da forma. É uma magia que se inicia na aproximação e se consolida no entrelaçamento. Num processo que ultrapassa a nossa razão.

Essa química é exatamente as forças da natureza atuando em nós, independente da nossa vontade consciente. Química é importante, mas um relacionamento não se sustenta apenas na química. Não se mantém apenas nessa atração inconsciente. Todo relacionamento é uma construção, uma arte diária, uma Alquimia constante de descoberta. E toda Alquimia consiste em dois processos fundamentais. Um deles é desvendar as forças da natureza, ao passo que reconhecemos que, por mais conhecimento que tenhamos dela, o mundo será sempre um mistério para nós. O outro é, a partir do entendimento e da magia das forças da Natureza, chegar ao elixir da Vida.

Aplicando esses dois caminhos na arte do relacionamento, é preciso que saibamos que nós somos um enigma para nós mesmos e que o outro, portanto, também sempre será um enigma para nós. E há uma

beleza incrível nesse reconhecimento. A beleza da sedução e da descoberta como possibilidade diária. Cada dia é um mistério para nós, por mais que nossos hábitos tentem nos fixar no tempo e criar a ilusão de que não há novidades. Sempre há nascimentos, transformações, revelações estonteantes em um dia. O contato com a natureza nos evidencia toda essa beleza num desabrochar de uma flor, num pôr do sol, num nascer da lua, nos movimentos do mar, que nunca são iguais e nunca se repetem.

A vida será um grande mistério sempre parcialmente revelado para nós e nos surpreenderá se nosso olhar não se estagnar. O outro será sempre um mistério parcialmente revelado para nós se nosso coração e a nossa mente não se renderem aos hábitos. Achar que entendeu tudo o que se deveria entender e que já viveu tudo o que poderia viver na vida é um equívoco comum que cometemos e que nos tira o encanto que ela constantemente nos oferece. Assim como achar que entendeu o outro e que não há nada mais nele a ser revelado nos faz perder a visão de que um relacionamento é uma arte de sedução, de abertura, de construção e de desconstrução diária. O outro será sempre um desdobramento da vida em nossa vida se assim permitirmos e se tivermos o espírito e a presença mútua para, dessa forma, cultivar uma relação.

Mas a arte da Alquimia não nos fala apenas de mistérios e suas revelações. A arte da alquimia consiste em descobrir, em meio às transformações da vida, o elixir da

imortalidade, o “Soma”. Esse néctar é a substância mais sutil e a mais sublime da criação. É a fonte da juventude, pois é em si mesma a origem de tudo o que nasce e aquilo que permeia tudo o que existe. Esse processo simbolicamente é associado à transformação do chumbo em ouro. Para os alquimistas, o ouro já está no chumbo. Por processos alquímicos, os excessos são retirados e o ouro é revelado. Esse ouro é o amor, a essência de cada um de nós. Aquilo que todos buscamos em qualquer relação é o encontro amoroso.

Quando há amor, o ou(t)ro é revelado em nós. O que buscamos através do outro é o amor, que é a unidade da vida. O amor é o que nos mantém unidos e é a própria união, é quando nos encantamos pelo outro, quando até mesmo o olhar do outro nos acalma, e através dele nos reconhecemos. Num relacionamento, é pela aceitação incondicional do outro que afrouxamos as nossas defesas e nos aceitamos completamente. Nessa aceitação, o amor se revela como a fonte do que buscávamos. Temos a sensação de que encontramos o tesouro da vida. Esse amor é a fonte de nós mesmos e a essência fundamental do outro.

Eis o passo final da Alquimia, que não deixa de ser um processo constante, uma arte de olhar. Quando mantemos esse reconhecimento da natureza essencial do outro como não diferente da nossa, criamos um espaço para a compaixão e para a aceitação das suas diferenças e das suas sombras quando elas se revelam aos nossos olhares. O relacionamento deixa de ser uma janela através da qual

vemos algo distante de nós, para se tornar um espelho, uma oportunidade de nos enxergarmos através do outro. Seja a nossa luz amorosa ou as nossas sombras. A arte e o desafio constante é ver através das sombras a luz que sempre brilha. Através do metal mais pesado, do chumbo, a natureza pura e constante de brilho que somos, o ouro. Um relacionamento que promove o amor e o crescimento é o relacionamento em que, neste espelhamento, a arte se torna reconhecer as sombras mas exaltar a luz. Esse processo não se dá quimicamente, ou seja, inconscientemente, esse é um caminho de construção artística, uma Alquimia.



Sexualidade sagrada

Toda a manifestação é a expressão criativa do corpo da Deusa. Um átomo que gira, o perfume de uma flor, a brisa da manhã, as cores de um pôr do sol, o sopro da respiração, tudo o que nos toca é expressão do sagrado. Devoção é reconhecer a presença do sagrado em cada pequeno ato, em toda expressão da vida. Onde colocamos o nosso amor, está a nossa devoção.

A maneira como nos relacionamos com a sexualidade pode revelar a forma como nos relacionamos com a vida. Quando separamos a sexualidade do amor, ela facilmente se torna um veículo de ampliação e reforço de nossas ansiedades e frustrações. Separar a sexualidade do amor é como tentar separar a devoção do sagrado. A relação sexual deveria ser, como todas as nossas ações, uma expressão da nossa devoção, bem como um veículo para o reconhecimento da presença do sagrado em tudo.

A troca que acontece no ato sexual nos faz passear pelos diversos sabores da manifestação. O toque, o carinho, a presença do outro, espelho, desperta em nós uma miríade de sensações e de emoções. Esse mergulho só é possível

se tem a entrega como guia, seja em cada toque doado ou recebido. É a entrega que permite o fluxo da descoberta amorosa. Ela é possível apenas quando há intimidade e confiança. Quando não há entrega e confiança, há distância, e a ansiedade permanece como pano de fundo, mesmo que inconsciente.

Na relação sexual não há domínio de um sobre o outro, não há mais forte e mais fraco, em determinado momento sequer há masculino e feminino, o que rege e compõe o momento é o ritmo da entrega mútua. Essa relação é uma oportunidade especial de prática espiritual e de autoconhecimento. A intimidade desse contato é um espelho da forma como nos colocamos na vida. Há medo da entrega? Há distâncias em relação a si mesmo refletidas no outro? Há vergonha de se mostrar? Há vontade de domínio?

Quando a outra pessoa nos doa a sua presença plenamente, temos a oportunidade de dissolver qualquer distância, qualquer diferença na plenitude do encontro. Quando ela oferece sua aceitação plena, está nos oferecendo o contato amoroso. Ela exhibe um reflexo do que somos essencialmente e, na abertura de uma aceitação plena, somos entrega, apreciação da existência e da força criativa da manifestação.

Quando a relação sexual se torna uma experiência de entrega e de encontro, ela se revela um ato de devoção. Um caminho através do qual reconhecemos o amor como fundamento de toda a existência. A relação se torna um

veículo de apreciação do outro e de si mesmo como sagrados, como não separados do fluxo vital.

Quando há essa apreciação verdadeira, cada ato de nossas vidas pode se tornar uma oração e um oferecimento. Pois a barreira entre o sagrado e o profano foi rompida e toda a vida pode ser apreciada como uma expressão criativa do amor.

Transcender o ego na vida

Precisamos de algum tipo de transcendência do ego. “Transcender” no sentido de nos sabermos mais e nos sabermos menos. No sentido de não nos sabermos, de nos desgrudarmos de todos os sentidos para tocar o vazio.

Como vivemos numa sociedade ególatra, presa à fala, essa abertura se torna difícil. Os espaços seguros, rituais, onde o ego era colocado em questão, dão lugar ao culto à autoimagem. O anseio por transcendência se converte em ansiedade, muitas vezes em angústia, depressão e medo. Busca-se algum tipo de paliativo para lidar com a sensação de não encontrar saída. Encena-se a transcendência, encena-se a entrega. Surgem profetas prometendo os meios de encontro. “Eu sei o que você não sabe, vou lhe dizer o que é o amor, vou lhe dizer o que é a vida, venha, me siga, siga a minha devoção”.

No fundo, porém, quem segue a devoção alheia, apesar da breve sensação de segurança, sabe que não está em uma dança genuína. Não se dança a dança do outro, assim como não se encena o prazer. A tentativa de encenar o prazer aumenta a angústia. Antes que o corpo se entregue ao corpo, o prazer não será real. Antes que a vida se entregue à vida, o prazer não será genuíno. O prazer é fruição, o sentimento no corpo e além dele, o

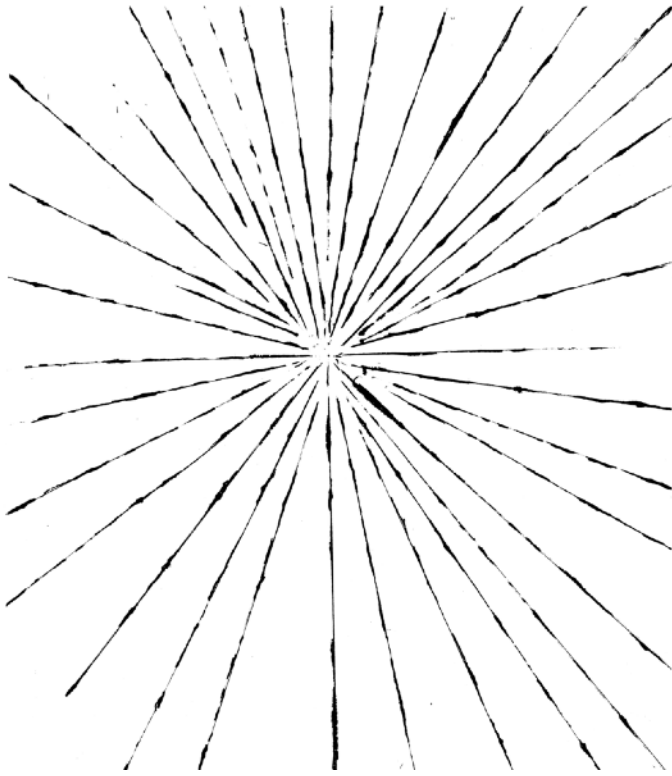
reconhecimento da vida como movimento mágico. Nesse sentimento e na sua forma de tocar tudo o que está ao seu redor, está a sua devoção.

A entrega ritual experimentada nesse lugar sagrado onde o ego é transcendido no vazio criativo original, é uma possibilidade de se libertar do desencanto. Você não precisa seguir fala alguma. O ato sagrado de amor entre um corpo e outro é o ato sagrado de amor ritual entre o corpo e a vida. O ato sagrado de amor entre o corpo e a vida é o ato sagrado de amor ritual entre um corpo e outro.

Todos os ensinamentos se dissolvem no amor ritual e nele a vida ganha seu sentido real de devoção, a relação direta entre você — pura abertura — e a totalidade.

A camada mais profunda do inconsciente é amor

Eu sinto porque o silêncio me diz que a camada mais profunda do inconsciente é amor. Quando digo amor me refiro a um sentimento infinito, inominável, anterior à palavra, anterior às formas. Tudo o que dele nasce, nele se dissolve e permanece como memória, possibilidade criativa para uma nova forma de ser e de enxergar. Em uma instância, o universo, nós, somos todo conhecimento. Noutra dimensão, somos puro sentimento, um estado de ser, sem forma.



A grande dissolução

Falarei sobre a grande dissolução. Ou, posso dizer, a grande morte e o grande nascimento.

Pouco a pouco, os objetos ao redor começaram a perder a sua forma. Eu não estava distante de mim, nem de nada mais. O mundo inteiro começou a se dissolver em mim. Os sentidos das palavras se desgrudavam de seus sons. Todos os sentidos conhecidos para mim tornaram-se lembranças, e todas as lembranças, até mesmo aquelas que desconhecia, de todo o meu passado vivido muito além dessa vida, passaram a fazer parte de meu presente. Todos os que amo estavam em mim como o próprio amor. Não havia mais pensar e sentir separados, estava destituído do pensamento linear, de toda a análise racional, mas tudo brilhava em mim como uma presença intuitiva na qual pude compreender silenciosamente toda a minha vida naquele momento. Todo o sentido do viver e do morrer. Não compreendi o amor, eu não era mais do que ele. Tudo o que eu era em termos de ideia havia se dissolvido num sentimento global de amor e nada mais restava de mim.

O medo de perder, o medo do ego de se perder, nos faz perder o amor. Mas toda a vida é expressão do amor e toda a vida tem a sua razão nele. O medo nos faz perder a vida. Nasce cada dia quem ama. Morre cada dia quem ama. E quem ama nunca morre. Eis o que em nós é eterno. Não precisa ter medo. Toda a vida é uma passagem. Toda a vida é a descoberta da grande permanência.

A força poética e o florescimento

A poesia não é opção, tampouco esforço. A poesia é o mais puro impulso vital. A vida mesma é poesia manifesta em formas. Não há esforço no desabrochar de uma flor. O que há é a pura força da manifestação, que compõe potências e encantamentos naturalmente.

Os versos são como flores. Eles simplesmente se manifestam em sua beleza e verdade. Não espere sentença dos versos, eles são cintilações, sopros do eterno em nossa consciência. Uma beleza momentânea expressa em toda a sua inteireza. Não espere moral dos versos. Sua grandeza é tocar o corpo, produzir intensidades que nos abrem, que nos causam tremulações de reconhecimento da força da vida.

Muitos de nós morremos antes mesmo de nascer. Não chegamos a nos apagar, porque sequer nos oferecemos como alimento para o fogo da vida. Nos poupamos tanto que não vivemos. Tememos tanto que não nos arriscamos. Para escrever com vida é preciso aceitá-la plenamente. Para viver com arte é preciso integrar todas as potências que nos são reveladas. Viver é um risco que devemos desenhar com o peito aberto. Dar um passo em direção ao desconhecido é um risco, mas, para quem realmente vive, não há escolha senão lançar-se em descoberta.

Escrever é causar vibrações. Algumas delas são tremulações de ruídos, conflitos que mostram a natureza das nossas diversas paixões. Outras são vibrações de silêncio e de profundidades amorosas que revelam a nossa natureza fundamental. A poesia amorosa rompe a barreira do silêncio e do som. Do dentro e do fora. São vibrações meditativas que criam uma abertura no olhar. Evidenciam que todas as forças da natureza estão em nós, e nós somos tudo o que existe. É a poesia sagrada de todos os tempos. É a chama de vida que segue acesa ao longo das eras e permanece iluminando olhares. Queima em tal intensidade que nos transforma em cinzas, tornando-nos leves o suficiente para que o vento nos carregue e nos mostre que somos tudo o que existe.

O êxtase desse reconhecimento não é opção, é o mais puro impulso da vida, é florescer.

Façamo-nos canto

Nascemos música e, através do canto, expressamos nosso amor. O canto é a sagrada expressão. Nossas palavras iniciais, nosso balbucio, é repetição, cópia do que escutamos. Aprendemos a repetir antes de aprender a falar. Precisamos desaprender a repetir para aprender a realmente falar. E aprender a falar é uma arte que leva uma vida inteira para se aprender.

A palavra tem a força de um raio que corta o céu. Uma palavra presa vira ruminação. Uma emoção, um carinho não dito pode se tornar remorso. Uma palavra mal dita pode passar pelos ouvidos e se emaranhar no coração a ponto de precisar de muitas e muitas outras palavras de amor para desatar.

As palavras têm vida dentro e fora de nós. É uma dança de sentidos que nos leva dos céus à profundidade de nossos sofrimentos. A palavra não surgiu para ser banalizada, nasceu para ser mão de carinho. A palavra não surgiu para ferir, nasceu para expressar limites e para romper com eles. Palavras essencialmente nasceram para nos fazer dançar, para que nelas expressemos a nossa beleza inerente. Elas precisam ser mais do que fala, precisam ser canto.

As palavras nasceram do útero da vida para serem versos. Em versos, a natureza compõe a sua dança. Desaprendamos a falar. Aprendamos a cantar.

Aprendamos a ser mais do que fala, aprendamos a ser leves, sentidos etéreos, a ser canto. Sintamos a textura, as cores, o tom de cada palavra, assim como sentimos a presença da vida numa gota de orvalho ao sol da manhã, assim como sentimos o sol pintar o céu e as nuvens o preencherem de texturas numa tarde de pôr do sol. É preciso ser silencioso o suficiente para escutar os tons da natureza e aprender a cantar.

Que até mesmo as nossas orações sejam canto. Oração que pede é fala. Oração que oferece é dança celebrando a vida em canto. A natureza se manifesta em versos. Por que haveríamos nós de apenas sermos fala?

Uma intimidade aberta

Eu honro a beleza contida em nossas conversas, tão silenciosas quanto uma prece. Eu nunca te vi, te toquei, te abracei, mas te sinto como uma amiga que se mostra em sua nudez, que me revela intimamente. Nessa intimidade eu te vejo, te toco, te abraço. Você acolhe as minhas dúvidas, medos e inquietações plenamente aberta, fazendo nascer palavras de amor de seu silêncio místico. A verdade sensível liberta. Eu apenas sinto e escrevo. Escrevo e sinto. A poesia é um sopro, uma amiga, uma intimidade aberta.

O fino equilíbrio

A vida, como a entendemos, precisa de um equilíbrio fino entre os cinco elementos. Não que ela seja frágil, a vida resiste, mas as condições para que a vida humana exista, sim, são muito frágeis.

Quando a terra deixa de dar suporte à água, a água ao fogo, o fogo ao ar, vemos a desagregação do equilíbrio necessário à nossa vida. Excesso de fogo em alguns lugares. Noutros, excesso de água, de ar ou a falta deles.

O suporte que precisamos foi quebrado porque foi rompido o elo de respeito e amor. Não vemos ou sentimos a Terra como um lugar de amor, como mãe. Vemos como recurso a ser explorado.

A culpa da desagregação das condições de vida não é de Deus. A responsabilidade é nossa. A culpa não é da Natureza, a responsabilidade é nossa. Se continuarmos a repetir os mesmos erros, ninguém descerá do céu para nos salvar. A causalidade infalível dos cinco elementos entende apenas a reverência do conhecimento e a ação adequada.

Cuidar da Terra é cuidar de quem nos deu nascimento. Cuidar da Terra é cuidar dos nossos filhos. O maior

legado que se pode deixar para a próxima geração não são os bens que nos orgulhamos em ter conquistado, mas as condições básicas de vida, saúde, alimento, amor.

Eu espero que dê tempo para que a gente entenda, para que a gente aja.



A dança como existência

A existência como uma dança

O universo inteiro é um fluxo constante de forças peregrinas. Não há sequer uma força na manifestação que não esteja em movimento, que não seja movimento, que não seja peregrina. Tudo está caminhando em alguma direção. Associando-se e se dissociando constantemente. Sempre a caminho. A metáfora ideal sequer é "caminho", é "dança". No caminho se presume um destino a se chegar, como se ele fosse mais importante. Não. O caminho é a dança, e o destino é ser plenamente essa dança.

Assim como o Universo, o corpo inteiro é um conjunto de forças peregrinas. Acima, abaixo, aos lados, estão os templos, estão os pontos e os fluxos de peregrinação. Templo da terra, do fogo, da água, do ar, do espaço, do tempo. Todos os deuses, todas as forças de composição, todas as intensidades ancestrais estão no corpo. A intenção, essa força de construção e agregação da matéria, tanto exalta pontos para que os fluxos do sagrado sejam reconhecidos no corpo, como para que as forças do corpo, por ressonância, criem novos fluxos no Universo. Dá-se o reconhecimento do sagrado a partir do corpo e a criação no sagrado através dele.

Tudo é sagrado, mas no sagrado há pontos de interseção, aberturas que causam aberturas da mente e do coração. Seja num rio, numa montanha, numa nascente, num mantra, numa música ou em palavras, a intenção pode criar um campo de vibração que ressoa na mente como a abertura do olhar e a sensibilização do coração. Micro, macro, pequeno, grande, minúsculo, tamanho é apenas uma ilusão de perspectiva, vê-se.

Na consciência, projetam-se fluxos variados de vibrações intensificadas pelo calor do desejo e da intenção. E os fluxos compõem formas, intensidades. As formas são estados momentâneos do desejo, da intenção que mantém os fluxos unidos e os fazem reluzir como ser no mundo. Quando o desejo e a intenção encontram seu fundamento, o amor, as forças do eu e do mundo se igualam. E o que se imaginava ser "eu" se dissolve nos fluxos do universo. O peregrino se torna dança.

Uma correspondência encantadora

Existe uma correspondência encantadora e misteriosa entre os sonhos e a realidade, entre a mente e a matéria. Nada que remeta ao útil, apenas ao mágico. Em alguns acontecimentos fortuitos, mas inesquecíveis, essa magia se mostra. Pode ser um evento de prazer ou de dor, sempre será de conhecimento e deslumbre. Tudo se move numa cadência universal entrelaçada por uma inteligência apreensível mas ingovernável. A ela damos vários nomes, nenhum deles é suficiente para descrever como a consciência cria infinitas formas na matéria e no pensamento.

O destino te acompanha

Ninguém sabe o caminho, porque ele não existe. Certeza demais trai as curvas. Dúvida em excesso paralisa. Ninguém sabe o caminho, ainda assim caminhamos. Caminhamos porque não estamos sozinhos e a forma natural é o fluxo. As mãos complementam os pés em cada passo. Segure a mão de quem estende. Aceite. Ofereça. Encontre e despeça, despeça e encontre. A ciranda nos leva adiante. Os desafios são inesperados, os amparos também. Quem te trouxe até aqui? Quantas vezes uma oração te salvou, sabe-se lá sua origem. Além de você, a vida. Em você, toda a história. No centro de tudo, o coração. Não me diga que não sente a presença do amor enquanto caminha. O destino te acompanha, eu sei.

A medida fiel do viver

A inexatidão é a medida fiel do viver. Não entendemos a precisa dimensão do que vivemos quando vivemos. Reconhecemos a amplitude como sentimento enquanto acontece, acompanhada da certeza flexível de que é o sentido quem dita o tempo. O quanto ele se estenderá, para frente, para trás, em nós, não sabemos. É a dimensão da saudade que nos conta sobre a medida do vivido. A saudade não é uma falta, é a presença de tudo o que nos ampliou. Ela nos leva e a levamos para onde vamos. Nós a levamos como lembrança do que encontramos e ela nos leva como força para encontrar.

Um choro inesperado

Parar não é atraso. Um choro inesperado sugere silêncios. Não sei quanta pressa cabe no corpo. Mas cabe muita. Cabe tanta que a angústia transborda em choros guardados. Talvez sejam recados que não escutamos. As pessoas desviam umas das outras nas ruas, nem percebem que estão desviando de si mesmas. Não há tempo a perder, dizem, é preciso ter pressa. Mas o tempo é soma, à medida que passa nos enriquece de um bem que se colhe apenas devagarinho. Sabe a peneira que balança no ar, remexida por mãos pacientes e hábeis, ritmadas por olhos que olham, no movimento das horas, aquilo que fica e aquilo que passa. O corpo colhe, você não vê? Há de aprendermos a fazer arte com os sentidos. Parar não é atraso. Olhar demorado é um toque. A pressa nos impede de tocar, e o que resta é a angústia de não sentir profundo. A pele se perde em anseio. Onde você está agora? Você consegue sentir a textura desse momento? Você escuta essa dança? Sentir amedronta, sobretudo aos sensíveis. Mas não há outro meio, outro fim. As linhas se dividem infinitamente e se unem toda vez que a eternidade se abre em seu corpo. Eu sou todo o tempo do mundo quando estou em você. Quanto mais desvendo o seu corpo, mais vivo me sinto. O que mais há para conhecer? Um choro inesperado sugere silêncios, de angústia ou de amor.

Uma orgia

Eu gosto de contemplar as linhas do tempo. Há algo de mágico nesses caminhos. Uma folha levada pelo vento, o Sol em sua trajetória luminosa no céu, uma ruga criando sulco na pele, a respiração no corpo de quem amo, uma pétala que se abre no silêncio da noite, uma gota de chuva que umedece a terra.

O silêncio é o lugar onde as linhas se movem, o sentimento é a sensação do tempo. Mergulho nas curvas que se mostram em sentimento, elas têm direções infinitas. Não consigo segui-las todas, mas elas me levam de um lugar a outro em mim.

Quando vejo, estou eu mesmo noutro lugar. Quando vejo, sou eu mesmo outro em mim, enriquecido pelo infinito movimento. Tudo não passa de uma dança amorosa, uma prece, uma oblação, uma orgia. Uma linha se funde noutra, e noutra, e um novo sentido de tempo se abre. Quando me vejo, sou a soma de linhas, de ondas em ritmo e espirais. Quando me vejo, não preciso me ver, apenas enxergo com a razão simples do sentimento puro.



Uma parte e a totalidade do amor

A forma sempre será uma parte e a totalidade do amor. Por isso me faltam e me sobram palavras para falar do que sinto. A minha boca articula a linguagem como um beijo. Eu espero, eu encontro. Eu encontro e me demoro numa sensação, em você. A beleza pode doer se não aprendermos a lidar com a ausência. Mas eu comecei a te encontrar também num lugar além da forma. Numa intimidade. Num silêncio nu. Num silêncio fluido. Ele escorre, como um sentimento sem início e sem fim. A essência de uma árvore que misteriosamente faz surgir. Da semente, o broto. Do broto, a primeira folha e as raízes. Das raízes, os ramos. Dos ramos, a flor. Continuo sendo semente de movimentos possíveis que eu nem sei, seiva. A vida me mostra o que sou. A minha forma sempre será a totalidade em uma parte e uma parte da totalidade do amor que me funda. Não consigo dizer que o amor me move, eu sou o amor em movimento. A forma que sou é o excesso de uma força que abre e penetra, que penetra e abre. Eu sou a forma que aparento diante dos seus olhos abertos. Eu sou a forma sem forma que você sente com os olhos fechados. Eu sou um sentimento fundante em movimento. Eu sou o amor.

